

**EDUCAÇÃO PARA AS SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
COMPROMISSO POLÍTICO PRESENTE NA FORMAÇÃO E NA AÇÃO DOCENTE VIA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Vitória de Paula Sousa Oliveira¹
Kátia Batista Martins (Orientadora)²
Fábio Pinto Gonçalves dos Reis (Coorientador)³

RESUMO:

O presente trabalho aborda a Educação para as sexualidades considerando sua relevância social para uma educação emancipatória e a importância da extensão universitária para a formação dos sujeitos. Os objetivos foram: geral: abordar a Educação para as sexualidades considerando sua relevância social para uma educação emancipatória e a importância da extensão universitária para a formação continuada. Específico: demonstrar o compromisso político e social da universidade por meio da extensão aos docentes da Educação Básica; apresentar cursos ofertados nos anos de 2004 a 2015 e apontar quais desdobramentos a formação docente alcançou a partir das propostas dos cursos ofertados. Para tratar do assunto pesquisou-se três projetos de extensão Universitária que foram desenvolvidos pelo Departamento de Educação da UFLA, coordenado pela professora Cláudia Maria Ribeiro. Os Projetos em questão são intitulados: Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção, Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil e Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais. A metodologia utilizada foi revisão e análise de literatura. Os resultados da análise da pesquisa revelaram que é socialmente relevante ações extensionistas como essas, uma vez que possibilitam discussões acerca da sexualidade nos espaços escolares e contribuem para a formação das crianças em si. Além disso, os projetos podem ser considerados um grande avanço para a Educação do nosso século.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil. Extensão Universitária. Educação. Sexualidade.

1. Contextualizando

Meu nome é Vitória de Paula Sousa Oliveira, tenho 24 anos e sou estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Lavras - UFLA. Tenho como inspiração uma mulher forte e ao mesmo tempo sensível que lutou muito para terminar os estudos e se formar educadora. Esta também é apaixonada pelo autismo, hoje psicopedagoga e exerce seu trabalho com muito amor. A minha referência é esta mulher que chamo de mãe, Márcia de Paula Sousa.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras – Ufla. E-mail: vitoria.oliveira2@estudante.ufla.br.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras – Ufla. Professora no Núcleo de Educação da Infância Nedi/ Ufla. E-mail: katia.bmartins@ufla.br.

³ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professor associado do Departamento de Educação Física da Ufla. Email: fabioreis@ufla.br.

Cursei Pedagogia por acreditar na educação, em um ambiente escolar que vem a ser um lugar justo, de equidade e qualidade. Isso juntamente com o interesse de aprofundar na temática da educação para as sexualidades na Educação Infantil, abriram espaço para a escolha do tema “Educação para as sexualidades na Educação Infantil: compromisso político presente na formação e na ação docente via extensão universitária”. Além disso, levou-se em consideração a relevância social desse assunto para uma educação emancipatória, sua importância e da extensão universitária para a formação dos sujeitos.

A educação para as sexualidades é um tema de relevância social, pois a sexualidade como aponta o filósofo Michel Foucault (1998), é um dispositivo histórico e cultural, uma invenção social criada pela sociedade para tratar das questões pessoais, sociais e políticas. Assim sendo, é um dispositivo que está internalizado no meio social, na cultura e nos indivíduos, que projetam formas de ser e estar em sociedade. Nesse sentido, de acordo com Anna Maria Faccioli Camargo e Cláudia Maria Ribeiro (1999) a educação para as sexualidades implica falar sobre sexualidade e está intimamente relacionada com as relações de poder. “São através dessas relações de poder que se estabelecem verdades e se constituem os sujeitos, e entender a dinâmica dessa constituição de sujeitos sociais sexuados é um grande desafio para a educação (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 264), em especial para as instituições educacionais, isto é, as escolas.

Entende-se que a escola pode ser um espaço propício para se falar sobre sexualidade e, sendo assim, na Educação Infantil, abordar questões que envolvam essa temática não se configura enquanto tarefa fácil, mas que é possível. É importante levar em consideração os aspectos que envolvam a vida da criança, como por exemplo, questões sociais, éticas e morais dos sujeitos envolvidos nessas discussões, que muitas vezes ainda são tratadas com medo, submissão, tabu, mito, vergonha e resistência.

Nesse sentido, pretendeu-se neste trabalho: abordar a Educação para as sexualidades considerando sua relevância social para uma educação emancipatória e a importância da extensão universitária para a formação continuada (objetivo geral). Os objetivos específicos foram: demonstrar o compromisso político e social da universidade por meio da extensão a profissionais da Educação Básica; apresentar cursos ofertados no período de 2004 a 2015, pelo Departamento da Educação da Ufla, que tiveram como foco o tema em tela, e apontar quais desdobramentos a formação docente alcançou a partir das propostas dos cursos ofertados. Fundamentado nos objetivos propostos, pretendi compreender se os assuntos sobre a

sexualidades entrelaçados às infâncias, são abordados nas escolas e se as Ufla, por meio da extensão universitária, dá conta de cumprir com o compromisso de levar esse conhecimento às escolas.

A escolha da metodologia de pesquisa para o estudo em tela é a revisão de literatura, visto que pesquisei, analisei e descrevi sobre a visão, diálogo e discussão de algumas pesquisadoras da área que vêm articulando o ensino, a pesquisa e a extensão com produções acadêmicas sobre a educação para as sexualidades e suas implicações no espaço escolar.

Para Severino (2007), a revisão de literatura é a pesquisa que se vale de publicações científicas em periódicos, livros, anais de congresso etc. Sendo assim, é o aprofundamento nas produções científicas na temática a ser estudada a fim de compreender mais sobre o assunto pesquisado. A revisão de literatura é de suma relevância para o trabalho acadêmico, visto que é a partir dela que o pesquisador contextualiza e fundamenta sua pesquisa e também pela qual o leitor identifica a linha teórica que o pesquisador desenvolveu sobre o assunto em pauta.

Portanto, a revisão de literatura se limitou às produções relativas aos temas em tela, que são educação para a sexualidade na Educação Infantil e formação docente e seus desdobramentos. Desse modo, decidiu-se pesquisar a partir de ações e produções do tema, dentro da universidade na qual a pesquisa se origina, ou seja, a Ufla. Para refinar a busca, foram utilizadas produções específicas que abordaram o assunto de forma teórica e prática, apontando conceitos e experiências concretas de profissionais da Educação Infantil.

Dessa forma, a revisão de literatura pôde contribuir na busca por respostas e a fundamentar meus argumentos sobre o tema em questão – Educação para as sexualidades na Educação Infantil: compromisso político presente na formação e na ação docente via extensão universitária. Por meio da leitura seletiva, pré-leitura, leitura interpretativa e leitura analítica, dialogando, assim, com a ideia de diferentes autores e autoras sobre sexualidade, fazendo com que o leitor compreenda o que o tema está apontando a partir da imersão em uma soma de estudos.

Cabe destacar que, conforme Marluce Paraíso (2010, p. 24), na construção metodológica que se faz, em momento algum é desconsiderado o já produzido com outras teorias, com outros olhares, com outras abordagens sobre o objeto que foi escolhido para investigar. Nesse sentido, o estudo se limitou a análise de três projetos de extensão específicos desenvolvidos pelo Departamento de Educação da Ufla, via o Grupo de estudos e pesquisa intitulado “Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a

problemática da formação Docente”, que foi criado e coordenado por muitos anos pela professora Cláudia Maria Ribeiro. A escolha desse material específico se deu devido ao conhecimento prévio dos materiais, via disciplinas do curso de Pedagogia, bem como o registro acadêmico através de publicações, sendo que cada projeto culminou na produção de um livro que se desdobrou ainda em outras ações, como eventos de formação que demandaram estudo dos referidos livros em diversas cidades do Sul de Minas, por meio da articulação com o Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil.

Desse modo, o material citado é fonte que aborda o assunto de forma teoricamente fundamentada e também apresenta as experiências de profissionais da Educação Infantil, anteriores e posteriores a participação nos projetos, sendo então, campo fértil para a pesquisa em tela.

2. Dialogando com a literatura

Nos tópicos seguintes, busca-se dialogar e fundamentar os conceitos e ideias que se entrelaçam rizomaticamente no texto em tela. Nesse sentido, de antemão lançamos mão do conceito de rizoma, que traz a ideia de que os saberes se entrelaçam e se engalfinham. Portanto,

Tomando de empréstimo da Botânica a descrição do rizoma como um caule horizontal, geralmente subterrâneo, cujas raízes se espalham de forma aparentemente desordenada e caótica, Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil platôs*, utilizam o termo para descrever uma forma não-hierárquica, não-estrutural, não-centrada e não-linear de organização, pensamento ou escrita, em contraste com a forma hierárquica, estrutural, centrada e linear dos modelos baseados na figura da árvore (SILVA, 2000, p. 98).

Nesse sentido, busca-se um diálogo que permita permear e compreender as rotas navegadas pelo grupo de pesquisa Fesex e pela professora e pesquisadora Cláudia Ribeiro, a partir da extensão universitária. Vale ressaltar que embora o texto em tela esteja direcionado a partir das lentes da extensão, durante todo o processo de navegação, o grupo também de forma rizomática entrelaçou saberes e práticas na pesquisa, no ensino e na extensão.

2.1 As Instituições Educativas e o compromisso social com as ações sobre educação para a sexualidade

A função da escola, além do ensino da técnica, é promover a reflexão crítica para uma educação humanitária. Ademais, tem também como função a promoção de uma sociedade mais

justa para todos e todas, por meio da educação para a diversidade e respeito as diferenças sociais, ou seja, por meio de uma educação libertadora e emancipatória.

Assim sendo, decidir e/ou selecionar o que ensinar é uma decisão política e de grande responsabilidade, uma vez que existe relação de poder nessa escolha, o que pode contribuir na (des)construção de valores e práticas sociais, bem como na formação das identidades do sujeito. Paraíso (2012, p. 26), aponta que “somos seres de múltiplas identidades, já que estamos em constante mudança, mudamos as formas como vemos, ouvimos, sentimos, fazemos e dizemos o mundo”. Mudamos a nós e aos outros.

A identidade é um processo que acontece na interação, não só com o meio, mas principalmente com os outros. Dessa maneira, a escola é potencializadora da (des)construção das identidades, tanto pelo espaço, como também pelo currículo que é empregado. O currículo tem como propósito definir as metodologias e conteúdos a serem ensinados na escola. Tomaz Tadeu da Silva (2009) afirma que o currículo se constitui de um campo de interesses (classe dominante x classe dominada), já que o ensino é baseado por intencionalidade, sendo assim, o currículo não é neutro. Também o currículo tem grande responsabilidade frente às rupturas dos preconceitos, discriminações e violências.

Diante disso, reafirma-se que o currículo não é uma construção realizada sem intenção, muito pelo contrário, é feita com objetivos, muitas vezes, específicos. Sendo assim, a perspectiva do conhecimento selecionada está diretamente relacionada com o resultado de formação da criança/adulto esperado e, certamente, com as relações de poder. Mas será que é possível educar valorizando as diferenças? Este talvez seja o maior desafio da teoria do currículo: a aplicação do multiculturalismo - um currículo que reconheça e transite pela diversidade cultural e que não se paute em binarismos; valorize de forma homogênea todas as culturas e práticas sociais. Dessa forma, é fundamental que o currículo abranja as questões relacionadas as sexualidades, multiculturalismo, gênero, relações étnico-raciais, etc. a fim de que estas sejam percebidas como diversidade, construindo uma sociedade pautada na equidade e proporcionando à criança sua formação integral. No caso de educar para as sexualidades por meio do currículo, é falar de saúde, autocuidado, cuidado com o outro e proteção dos próprios corpos:

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito

coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros (BRASIL, 1997, p. 28).

Diante do exposto, é possível afirmar que a Orientação Sexual deve ser abordada ao se falar, trabalhar, problematizar questões referentes à sexualidade. Comumente conhecidos como temas transversais, abordar questões relacionadas à sexualidade, cultura, gênero e educação ambiental. Na educação estão baseados na construção da realidade social e demonstram os direitos e responsabilidades do indivíduo. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 44), “se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos”. Dessa forma, abordar essas questões, que interferem significativamente na vida das crianças, é contribuir com a formação integral e com a construção da identidade dos sujeitos.

Pensando nisso, educadores e educadoras que atuam nas instituições educativas precisam reconhecer que tratar da educação para as sexualidades nesses espaços é de suma importância. Ainda que essa temática seja um tabu, todo educador e educadora precisa pensar que as ações educacionais são fundamentais para ampliar a compreensão e fortalecer as iniciativas de autocuidado, de direito ao próprio corpo, prevenção às violências sexuais, bem como o seu enfrentamento.

Considerando tais reflexões, precisamos (re)pensar as práticas e discursos das instituições educativas sobre esse tema e apresentar para a sociedade o que é este assunto e o que ele implica, desconstruindo, assim, o preconceito sobre falar do corpo humano. Silva (2016, p. 170), observa:

Assim, para nós, uma rede articula, entrelaça parcerias com a ética da prevenção às violências sexuais e à exploração de crianças e adolescentes. Pessoas que compõem a rede devem conhecer os marcos legais e reconhecer-se como integrante importante de um processo que articula outros espaços de proteção.

A rede de proteção está para além de educadoras e educadores, sendo esta o conjunto de entidades, profissionais e instituições que problematizam as violências sexuais, amparam e protegem as crianças e adolescentes de quaisquer violências, além de buscar elaborar processos de prevenção e autoproteção. As redes são compostas por indivíduos, por instituições

educacionais, por movimentos e organizações governamentais e não governamentais com o intuito de assegurar que crianças e adolescentes tenham seus direitos garantidos.

2.2. Compreendendo o significado de sexualidade

Guacira Lopes Louro (2010, p. 6), “aponta que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções (...) Processos profundamente culturais e plurais”. A sexualidade é uma construção histórica, cultural e social. Sendo assim, nossos corpos são históricos e através deles nos expressamos. A sexualidade é a forma de como o ser se sente, se veste, dança, isto é, tudo referido ao corpo.

A sexualidade não está relacionada apenas ao corpo. Há vivência da sexualidade nos atos mais simples, nos prazeres diários em realizar aquilo que gosta, em se expressar de determinado jeito, em se vestir de determinada forma. A sexualidade também está ligada ao sexo, mas não se pode limitá-la somente a isso.

Levando em consideração, é preciso que os e as profissionais de educação tenham cautela ao lidar com esses assuntos. Como já foi mencionado, é preciso considerar as individualidades dos indivíduos, mas também, considerar o contexto, o espaço, a cultura, a sociedade, as vivências e, por essa razão, como já mencionado também, pode não se configurar enquanto uma tarefa fácil. Ademais, ao se tratar de crianças, é preciso fundamentar as ações nos marcos legais, mas também, pensar na faixa etária das crianças, fazendo uso de uma linguagem adequada e repensando, juntamente com toda a equipe pedagógica, práticas interdisciplinares para a abordagem da temática.

Ainda segundo Silva (2016):

A vigilância, o controle, as técnicas disciplinares, os discursos, os aparatos culturais, as práticas pedagógicas cotidianas e, principalmente, os silenciamentos concernentes à sexualidade das crianças impedem-nas, quase sempre, de expressar suas ideias, suas dúvidas, seus desejos. Essas práticas cerceiam, sobretudo, seus movimentos de liberdade e autonomia de pensamento, em especial, o direito de falar e expressar suas sexualidades (SILVA, 2016, p.62).

A educação para as sexualidades nas escolas promove a liberdade de expressão das crianças, o conhecimento do próprio corpo, a aceitação das diferenças e também favorece a percepção do que pode ser uma violência sexual. Para isso, é preciso que haja o diálogo, para

que estes saibam a diferença do que pode ser um carinho saudável e um carinho que machuca e viola.

As discussões a respeito do tema ainda são um imenso tabu em nossa sociedade. Como nos relata Jimena Furlani (2007), o assunto ainda é visto como monstruosidade no currículo escolar e esse “silêncio” favorece a ignorância, o preconceito e a violência. A inexistência de um diálogo aberto, desmistificador e orientador impede que haja o processo de conscientização tanto do violentador quanto do violentado, contribuindo para a permanência dessas violências, uma vez que o/a violentado/a tem medo de expor as situações. Sendo assim, não cabe apenas à família essa função de educar para a sexualidade, pois ali, em muitos casos, é que se origina os abusos, violências e a intolerância. Esse papel deve ser função também das entidades públicas, sendo a escola uma importante aliada, capaz de transformar realidades e construir uma verdadeira humanidade.

3 A importância da extensão universitária: desvendando projetos sobre a educação para a sexualidade

O compromisso da universidade por meio da extensão universitária se dá pela necessidade de atender o país por meio de pesquisa e extensão, visando à formação profissional do cidadão e cidadã de forma científica. A extensão universitária é um processo educativo e científico, sendo esse conhecimento a relação transformadora entre Universidade e a sociedade, essa troca de saberes entre os saberes populares e o conhecimento acadêmico é que amplia a ciência.

Com este compromisso vem o projeto de extensão, que é uma ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural científico ou tecnológico ligados a cursos, eventos, prestações de serviços etc. Visa a pesquisa e o ensino, buscando solucionar problemas, interesses e necessidades da sociedade, ampliando a relação com a universidade.

O Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto, reflete o compromisso da universidade com a transformação da sociedade brasileira em direção à justiça, à solidariedade e à democracia. Perante as visíveis transformações da sociedade contemporânea, a Universidade tem o compromisso de romper com a tendência tecnicista para a formação de professores e professoras da educação básica. A extensão universitária do “pensar” e do “fazer” (OLIVEIRA,

2001), buscando o conhecimento da realidade por meio da ciência, promovendo a transformação da sociedade e da universidade.

Dessa forma, para ir ao encontro do que foi pautado até aqui, foram analisados três projetos de extensão específicos desenvolvidos pelo Departamento de Educação – DED/Ufla, via o Grupo de estudos e pesquisa, intitulados: *Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção*; *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil e Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais*. Nos próximos tópicos serão pontuadas as principais ações do projeto.

3.1 Projeto tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção

Este Projeto teve participação de vinte e duas cidades do Sul de Minas, a partir da implementação do Projeto Construindo Práticas a partir dos Compromissos com a Defesa dos Direitos Sexuais na Infância e Adolescência no Combate ao Abuso e Exploração Sexual, veiculado pelo Ministério da Educação - MEC/Secretaria de Educação Superior-SESU, Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior - DEPEM (2004, 2005, 2006 e implementados nos anos seguintes). Tendo a participação de adolescentes, jovens universitários/as, educadores/as, articulou profissionais de escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, agentes de saúde do Programa de Saúde da Família (PSF); integrantes do Projeto Sentinela e de Conselhos Tutelares. No total, o projeto envolveu 250 pessoas, entre elas adolescentes, professores e professoras. A pesquisa foi intitulada “Gênero, Sexualidade e Violência Sexual em Oito Cidades do Sul de Minas Gerais” e possibilitou estreitar os contatos com os Conselhos Tutelares das oito cidades. A partir disso, foi lançada a pergunta que subsidiou o projeto: “por que o tema desperta tanto interesse e ao mesmo tempo, medos, inseguranças, tabus, preconceitos?” (FURLANI, 2005).

Uma rede de proteção é composta por sujeitos que aceitam ter uma formação continuada, que escolham defender as crianças e os adolescentes, que façam valer seus direitos protegendo-os contra as violências. Assim, é necessária uma rede que articule parcerias com os que estejam preocupados com a proteção integral das crianças e adolescentes, fazendo valer o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Constituição Federal (1998) determinam sobre a garantia de direitos e proteção das crianças. A rede é composta por muitos profissionais que atuam nela de diferentes áreas, como a educação, as organizações comunitárias e movimentos sociais.

O projeto teve por objetivo mobilizar a sociedade para participar na política da prevenção, atendimento, apoio e identificação, compartilhando e planejando nas vinte e duas cidades do Sul de Minas Gerais: Alfenas, Cambuquira, Campo Belo, Carmo da Cachoeira, Lavras, Nepomuceno, Paraguaçu, Perdões, São Francisco de Paula, Três Corações, Três Pontas, Varginha, São Bento Abade, Santana do Jacaré, Bom Sucesso, Carrancas, Ibituruna, Ilicínea, Itumirim, Itutinga, Oliveira e Boa Esperança.

A primeira parte do projeto aconteceu em 8 cidades, compondo com a Ufla. Os encontros ocorriam aos sábados com reuniões e palestras tendo por pesquisa o título “Gênero, Sexualidade e Violência Sexual”. Teve duração entre 04/12/2004 a 08/09/2005. Houve a apresentação do projeto, composto por 250 jovens, educadoras e educadores; teve também um programa de rádio denominado "Duplo Sentido" que foi veiculado na Rádio Universitária da Ufla e gravado para posteriormente ser disponibilizado nas cidades participantes. O último encontro possibilitou uma Gincana Cooperativa com a tônica da cooperação: criação de músicas, peças de teatro, gibis, jogos, confecção de uma Colcha de Retalhos e portfólios com o intuito de apresentar os trabalhos desenvolvidos nas cidades. A construção e execução do projeto possibilitou o contato com os Conselhos Tutelares das oito cidades.

O projeto teve por objetivo coletar os dados das violências e abusos sexuais através dos concelhos tutelares das cidades envolvidas, tendo em vista a importância de se construir uma sociedade crítica e participativa. Desta maneira, o projeto avaliava a atuação das conselheiras e conselheiros de forma a promover a reflexão da importância do comprometimento de um bom desempenho destes ao fazer valer o estatuto da criança e do adolescente. A participação de toda a comunidade foi importante para o papel social que todos/as cidadãos/as têm a desempenhar na sociedade e a participação dos/as conselheiros/as também foi importante para se obter dados mais ricos do que os protocolos que os mesmos têm acesso.

Desta forma, o projeto buscou conhecer: os diferentes tipos de violência sexual tais como, atentado ao pudor, atos libidinosos, estupros, exploração sexual; perfis das crianças violentadas, isto é, o sexo, a etnia, idade. Foi analisado também o perfil do denunciante e do agressor.

A segunda parte do projeto ocorreu em 14 cidades, compondo com a Ufla. Ocorreu no ano de 2005 e 2006. Havendo a participação de 157 pessoas entre crianças, adolescentes, educadoras e educadores. As pesquisas e as avaliações realizadas indicaram a utilização das produções da Gincana Cooperativa, Curso intitulado “Jogos de Tabuleiro e as dimensões do

desenvolvimento humano”, que apresentara muitos jogos. Os jogos e brincadeiras possibilitam um maior convívio, além da reflexão sobre como os sujeitos se enxergam no mundo, como se sentem e também uma forma de descontração. Outro aspecto que merece destaque, foi a pesquisa em cada uma das cidades visando instituir a Rede de Proteção em cada cidade participante.

A terceira versão do projeto atendeu vinte e duas cidades e foi executada em 2006. Foi formada por educadores/as e também outros integrantes da rede de proteção. Foram ofertados dois cursos: "Direitos da Criança" e outro intitulado "Tecendo a Sexualidade Humana nas redes de proteção" para Agentes de Saúde da Família, Conselheiros/as Tutelares e integrantes do Projeto Sentinela.

Assim, esta versão do projeto teve por objetivo conduzir a sociedade para o conhecimento da importância de se tratar da sexualidade humana, como reconhecer as violências sexuais, a denúncia, política de prevenção e garantir a efetivação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos. Um projeto voltado para a sociedade bem como para a formação de professores e a rede de proteção.

No último ano do projeto, aconteceu um encontro em um sábado dia 11/02/07, e os envolvidos tiveram a oportunidade de trocar ideias, sentimentos e experiências com os adolescentes, educadoras e educadores das 14 cidades do Sul de Minas Gerais que participaram do projeto. Esta reunião foi realizada em Cambuquira e os assuntos tratados foram: Gênero, Afetividade, Sociedade Civil e Organizada, Rede de Proteção, Violência, Sexualidade, Família, Direitos Sexuais, Direitos Reprodutivos e Construção Histórica da Sexualidade. Após as atividades e trocas de ideias pôde-se notar que tudo aquilo que vivenciaram, mudou os conceitos e construções de cada um.

Figura 1 – Capa do livro Educação Inclusiva...



Fonte: Da autora (2021).

3.2 Projeto tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil

O projeto foi executado em 2010 e buscou desconstruir formas de ensinar metodologias para a temática da educação para a sexualidade e gênero e aperfeiçoar 500 professoras/es, cursistas, discentes, escolas, Conselhos Tutelares, famílias, Secretarias de Saúde, Secretarias de Educação, Ministério Público, Juizado da Infância e Juventude e crianças.

Foi dividido em sete linhas de ações apresentadas a partir de registros fotográficos, conforme segue:

1ª linha de ação: grupos de estudos/trabalho: Encontros da equipe de docentes das universidades com vista ao planejamento das atividades, monitoramento, pesquisas, revisar e problematizar os conceitos de gênero, sexualidades nas infâncias e as construções das identidades;

2ª linha de ação: curso para discentes: Participação de 25 discentes das universidades para a participação das atividades. As horas foram distribuídas em 40 horas, sendo 24 presenciais e 16 horas a distância. Foram totalizadas a participação de 53 pessoas em Campo Grande – MS e Campinas – SP;

3ª linha de ação: Curso para a Educação Infantil: Curso de formação de 500 educadoras e educadores, com duração de 80 horas, sendo 60 horas presenciais e 20 horas a distância, em São Paulo – SP, Juiz de Fora - MG e Lavras – MG;

4ª linha de ação: Projetos de intervenção Educacional nas escolas: Elaboração e apresentação pelos cursistas de projetos de intervenção nas escolas que atuam;

5ª linha de ação: Produção de material didático: O livro Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil;

6ª linha de ação: Página na Internet, blog e jornal temático;

7ª linha de ação: Seminário: Seminário em torno da temática Gênero e Diversidade Sexual nos currículos da Educação Infantil, apresentando as experiências e os resultados do Projeto.

Além disso, é importante pontuar o relato de uma professora dado no projeto que nos mostra seus sentimentos com relação às ações desenvolvidas. Rosângela Cristina Rodrigues dos Santos, teve diferentes sentimentos despertados ao longo do projeto. Como descreve; “acendia-se dentro de mim imensas chamas de preconceito, de indignação, de frustração, de dúvidas, de medo, de inquietação e tantas coisas mais que nem posso nomear” (RIBEIRO, 2012, p.413).

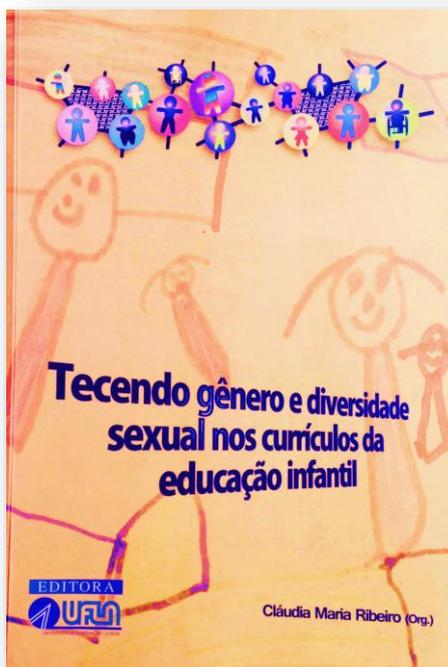
Assim, a educadora mostra-se resistente ao assunto sobre gênero e sexualidade nas escolas, mais especificamente na educação infantil. É comum que no início haja estranhamento ao conhecer assuntos que a sociedade condena tanto, mas a educadora teve paciência e curiosidade para adentrar ao que era novo.

Em seus relatos, ainda se observa que as leituras do curso possibilitaram à educadora o reconhecimento do que ela sentia: manifestações preconceituosas sobre gênero e sexualidade. Compreendeu e relatou que “a sexualidade infantil existe e tem de ser debatida e respeitada (p. 413)” e que os debates sobre gênero e sexualidades deveriam ser discutidos e refletidos para que a construção de uma sociedade mais justa e que fossem abolidos o preconceito e a discriminação.

Rosângela enfatiza em seu relato o seu importante papel como educadora, o de formar opiniões e atitudes, reconhecendo que a sexualidade infantil é antes de tudo humana e necessita que os sentidos comuns sejam quebrados. Desta forma, a educadora reconhece suas limitações humanas e reconhece que o curso possibilitou um olhar mais justo para o que julgava ser “diferente”. O conhecimento da educadora foi expandido, assim como o senso comum e medos

sobre o assunto foram abolidos. O que demonstra que os objetivos dos projetos de extensão foram alcançados: de socializar e democratizar os conhecimentos, levando os indivíduos a pensar e refletir sobre suas práticas.

Figura 2 – Capa do livro Tecendo...



Fonte: Da autora (2021).

3.2 Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no Sul de Minas Gerais

O projeto buscou ampliar a visão de 500 profissionais que atuavam na Educação Infantil com vistas a implementar a Educação para a Sexualidade e Gênero para crianças de 0 até 6 anos nas Instituições de Educação Infantil, desconstruindo os preconceitos e anseios a respeito, além de enfrentar as resistências quando se discute essas temáticas. Envolveu profissionais da Educação Infantil da rede pública municipal de 14 cidades da região participantes do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, profissionais do Conselho Tutelar, do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). Teve início em março e foi finalizado em novembro de 2015, na Universidade

Federal de Lavras. O curso produziu um jornal com as temáticas de Direitos Humanos com foco nas violências sexuais e jogos para desencadear as falas das crianças sobre as violências.

Além disso, o projeto criou um blog⁴ em que estão contidas informações sobre oficinas como o “Com bullying não se brinca”: infâncias e múltiplas linguagens na formação docente; um jornal com depoimentos e informações sobre o curso, abordando também os relatos das educadoras e educadores sobre os temas tratados, vídeos que aproximam-se e problematizam as questões de gênero e sexualidade presentes nas atividades lúdicas trabalhadas e observadas nas oficinas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-Pedagogia gênero e sexualidade); sugestões de leituras: “Do meu corpo eu cuido e protejo” de Tina Xavier, “Mamãe Botou um ovo” de Babette Cole, “Pipo e Fifi” de Caroline Arcari.

No dia 25 de setembro de 2015, ocorreu no Salão de Convenções da UFLA, uma exposição dialogada com a Professora Doutora Constantina Xavier Filha (Tina Xavier) – conhecida por sua produção acadêmica e coordenação de projetos relacionados a temática de gênero, sexualidades e educação, além de seu envolvimento e produção de literatura e cinematografia voltada para crianças.

Tina Xavier trouxe ricas contribuições no encontro que possibilitam o desenvolvimento de capacidades para o autocuidado e autoproteção das crianças. Destaca-se o livro de sua autoria “*Do meu corpo eu cuido e protejo*”, que foi produzido através de uma pesquisa em uma escola pública de Campo Grande. Tina Xavier discute com as crianças em como se cuidar e proteger em situação de auto vulnerabilidade. A escritora trabalha com as crianças de 12 anos questões como: O que entendem por violência? O que entendem por violência contra crianças? O que pensam sobre o assunto? Com quem conversam sobre? Como cuidam e protegem seus corpos? Conhecem seus direitos? O livro enfatiza a importância de a criança preservar e conhecer o próprio corpo, de lugares que só ela pode ter acesso, e a partir disso, caso precise de ajuda, contar a situação para um adulto.

O livro nos possibilita refletir a necessidade de a literatura para crianças ter uma linguagem que respeite a faixa etária e que faça sentido na vida destas, proporcionando não somente o conhecimento, mas para que o pequeno leitor e leitora tenha prazer em ler e aprender, além de promover a imaginação e a fantasia. Por isso, o livro “*Do meu corpo eu cuido e protejo*” é ilustrado de forma lúdica pelas próprias crianças envolvidas no projeto da autora. É possível abordar temáticas complexas de uma forma leve, lúdica e informativa.

⁴ Disponível em: <http://projetoborbulhando.blogspot.com>.

De volta ao projeto. O encontro teve por objetivo abordar as questões das violências sexuais contra crianças, falar sobre como os/as educadores/as podem trabalhar essa temática e colaborar para a redução do número de vítimas. Compartilhou ainda, os relatos das crianças, as diversas formas de violências que enfrentaram, além de gráficos sobre as violências contra crianças e adolescentes.

Alguns depoimentos foram concedidos ao Jornal Borbulhando⁵, que trata das Pedagogias Culturais e violências contra crianças. O jornal é o nº 2 do primeiro ano de publicação, sendo de outubro de 2015.

Os depoimentos concedidos ao jornal, mostraram que o encontro trouxe ricas contribuições para a formação dos sujeitos participantes, já que educar para as sexualidades e para o desenvolvimento da autoproteção e o enfrentamento das violências, é necessário como aponta Faria (2013) “discussão, ampliação, formação técnica e política na temática”.

Breno Alvarenga, estudante de Pedagogia da Ufla e cursista do Projeto Borbulhando (hoje mestre em educação), relatou que as ideias da professora Tina inovam o processo educativo. O lúdico como estratégia para trabalhar a temática da sexualidade traz o pronunciamento do que as crianças pensam e sabem a respeito da temática. Ainda acrescenta que “foi uma prática enriquecedora”.

Luana Maia, bolsista PIBID – Letras/Português, afirma que a experiência lhe acrescentou outras formas de trabalhar a respeito das violências diversas que acontecem com as crianças e que os vários exemplos citados durante o encontro proporcionaram um maior planejamento para sua prática enquanto bolsista do PIBID.

Vanilha Aparecida dos Santos – Psicóloga/CRAS de Bom Sucesso, compartilhou que a participação direta das crianças no desenvolvimento de textos, desenhos e produções artísticas lhe chamaram muito atenção. Dessa forma, ela enfatiza que o olhar do adulto para as criações das crianças, possibilita o conhecer do mundo infantil, é preciso interpretar este universo a partir da perspectiva da criança. Ainda completou que o material da Tina Xavier é muito rico.

Os relatos mostram que os textos, filmes, livros e vivências apontados pela professora e pesquisadora Tina Xavier nas escolas, contribuíram para a transformação dos sujeitos presentes, adquirindo assim, formas e estratégias para abordar as sexualidades com as crianças e prevenir as violências. A formação continuada possibilita um olhar mais humano para o novo e para a

⁵ Jornal elaborado a partir de uma ação do “Projeto Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais”, respondendo ao Edital MEC/PROEXT/2015.

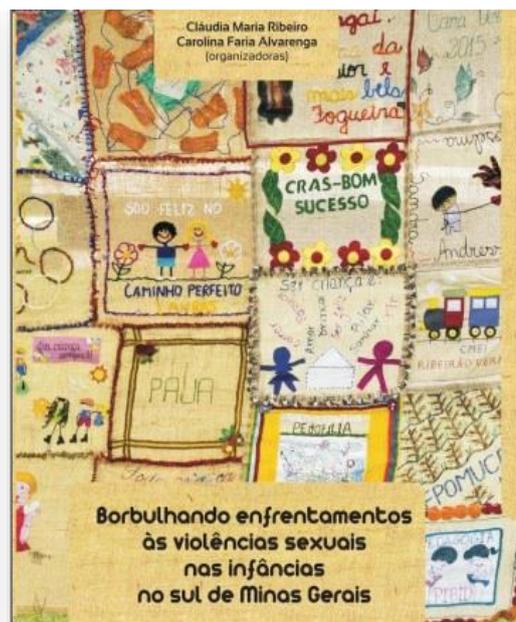
desconstrução dos sentidos comuns. Para isso, Silva e Martins (2014) enfatizam a importância das Universidades atuarem na extensão.

Figura 3 – Imagem da página 4 do Jornal Borbulhando...



Fonte: Projeto Borbulhando (2014)

Figura 4 – Capa do livro Borbulhando...



Fonte: Da autora (2021).

Desta forma, essas ações possibilitaram aos educadores um novo olhar para a temática da sexualidade nas infâncias, visto que os educadores e demais participantes ampliaram suas visões a respeito, permitindo conhecer novas estratégias para tratarem do assunto com crianças e promover assim o autocuidado e autoproteção. Nesse sentido, os profissionais participantes do projeto concluíram que trabalhar com intencionalidade na educação para as sexualidades nas instituições de educação infantil não é falar do ato sexual, mas permitir que as crianças conheçam e cuidem de seus corpos.

4. Análise: desdobramentos dos projetos sobre educação para sexualidade

Conforme citado no item anterior, os três Projetos pontuados fizeram parte de ações positivas para a discussão e reflexão da questão da sexualidade na Educação Infantil. Com relação ao “Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção”, observa-se que houve grande abrangência pela participação de 22 cidades do Sul de Minas e, que este foi o desdobramento de outros projetos que já existiam. Percebe-se então, que o assunto sobre a

sexualidade foi e continua sendo colocado em pauta mesmo que timidamente, de forma que ainda com as dificuldades encontradas, o assunto está sendo discutido e refletido.

Deve-se lembrar ainda que, conforme citado anteriormente, esses assuntos são importantes para o desenvolvimento integral das crianças e precisa ser trabalhado com seriedade, para que estas construam o pensamento crítico, autocuidado, autonomia, entre tantas outras questões que fazem parte do seu desenvolvimento e, conseqüentemente de suas vidas.

Além disso, ressalta-se que a rede de proteção que foi constituída, isto é, parte da sociedade que trabalha com o desenvolvimento das crianças e os/as profissionais que receberam formação ao longo da realização dos projetos, foram mobilizados para ter formação específica, para que se alcançasse o conhecimento das diversas vertentes da sexualidade infantil, que devem ser tratadas com maior afinco. E, acredita-se que os desdobramentos destas ações devem ser realizados de diferentes formas em espaços diversos, inclusive, na escola.

Já no Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual dos Currículos da Educação Infantil, percebe-se que também houve grande abrangência, por mobilizar professores, órgãos públicos, universidades e escolas. Além disso, as ações foram subdivididas desde grupos de trabalho, formação aos educadores e intervenções diretas nas escolas. Foram construídos materiais didáticos, página na internet para disseminar as informações e ainda Seminário para se tratar cientificamente do tema.

No material disponibilizado, encontra-se o relato de uma professora que reconhece seus próprios preconceitos e os da sociedade com relação ao se trabalhar o tema da sexualidade, a importância deste trabalho e o seu papel enquanto formadora de opiniões e atitudes, devendo assim, levar para a formação de suas crianças, o reconhecimento da sexualidade infantil enquanto uma questão humana e que os preconceitos e tabus precisam ser quebrados e, se possível, abolidos.

Por fim, o Projeto Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais fez uma junção de diversas áreas da sociedade como professores da rede Municipal da Educação Infantil de 14 cidades, profissionais do Conselho Tutelar, do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). De maneira criativa o projeto culminou em um jornal que trata das violências sexuais, contendo depoimentos, entrevistas, informações sobre as palestras ocorridas, e também a criação de jogos que desencadeiam voz para as crianças falarem sobre o

assunto. Teve a participação nas orientações para os Projetos do PIBID – Pedagogia gênero e sexualidade, o que demonstra ter entrada direta nos projetos que são desenvolvidos nas escolas.

Além disso, contou com a participação de especialistas em uma exposição dialogada, de forma que trouxeram materiais infantis que possibilitam as discussões e reflexões com as crianças, com temas sobre a sexualidade infantil, em uma linguagem própria para que as crianças fossem entendidas e se fizessem entender. Nesse projeto também foi possível contar com depoimentos dos profissionais participantes, que deixaram suas impressões e sentimentos sobre a experiência vivida e o que acreditavam ser a melhor maneira de se trabalhar com o assunto da sexualidade infantil.

A partir da análise empreendida aqui, entende-se que é necessário trabalhar com as temáticas da sexualidade na Educação Infantil nas escolas, uma vez que esse espaço é um ambiente formativo, já que as crianças são seres em constante aprendizado e, por essa razão, é importante inserir na sua formação temáticas que estejam relacionadas com suas vivências, com o contexto em que estão inseridas.

Considerações Finais

O trabalho foi iniciado a partir de algumas inquietações sobre a sexualidade e principalmente sobre a importância de levar esse assunto para as escolas, mais especificamente as instituições de Educação Infantil, tendo como fundamento uma educação emancipatória e o reconhecimento da extensão universitária para a formação dos sujeitos.

É notório que os educadores e educadoras devem possibilitar propostas às crianças para que se reconheçam e reconheçam as relações com o outro e com o mundo, considerando a sexualidade. No entanto, é possível perceber que ainda há muitas dificuldades quanto a inserção dessa e outras temáticas na educação, em especial com crianças pequenas. Os preconceitos, tabus, o controle, as relações de poder, as amarras culturais, impedem a discussão, reflexão, a inserção da sexualidade nas instituições educativas.

Para tanto, é preciso que políticas públicas sejam pensadas e colocadas em prática a fim de permitirem essas ações, uma vez que, na maioria das vezes os/as educadores/as não são/estão preparados/as para isso, pois não é discutido na formação inicial. Por essa razão, é fundamental insistir nos projetos de extensão, no seu poder em possibilitar caminhos para uma educação inclusiva, de transformar a escola e, em consequência a sociedade, de maneira que as pessoas

passem de uma condição passiva à emancipatória, crítica, autônoma, sempre com base na sua dignidade humana.

Ressalta-se que para tratar do assunto discutido no presente trabalho foi realizada revisão de literatura de forma a apontar e analisar três projetos de extensão, demonstrando a importância destes na formação dos/as educadores/as e em consequência na formação das crianças. Assim, o trabalho foi pautado em considerar o que já foi construído e produzido e, a partir disso, realizar uma reflexão sobre o assunto, que é a importância de se levar as formações sobre educação para a sexualidade para as escolas.

Assim, o estudo foi realizado a partir de três projetos de extensão coordenados pela Professora Cláudia Maria Ribeiro – DED/Ufla. A partir da análise foi possível identificar que as discussões e reflexões realizadas dentro e a partir dos projetos possibilitaram grandes conquistas. Em primeiro lugar por mobilizar vários setores da sociedade em prol de uma educação mais justa. Em segundo, por avançar na formação de profissionais de diversas áreas e, principalmente, educadores e educadoras. Em terceiro lugar, por romper com alguns preconceitos e tabus que até os dias atuais ainda existem com relação à sexualidade.

Um ponto bastante importante e que se faz necessário pontuar é o quanto esses projetos oportunizaram espaços em que os/as profissionais pudessem falar, expor sentimentos, angústias, dificuldades, anseios. Puderam, especificamente, aprender o que ainda não sabiam, repensaram práticas pedagógicas, ações e colocações nos diferentes espaços que atuavam e continuam atuando.

Outro ponto que deve ser destacado é que nos projetos que tratam especificamente da Educação Infantil, foram criadas ferramentas para que as crianças pudessem ser ouvidas e entendidas por meio da sua própria linguagem.

Ainda cabe ressaltar que as dinâmicas dos três projetos possibilitaram a disseminação de informações por meio de blogs, produções como livros, diálogos, entre outras ações que foram realizadas.

Por fim, consegue-se perceber a importância de ações como estas, que pautaram e continuam pautando discussões sobre a sexualidade infantil, criando espaços e ferramentas que colocam em evidência essa temática. Dessa maneira, os três projetos podem ser considerados um grande avanço para a Educação do nosso século. Compreendo que o caminho para conseguir tratar desse assunto cheio de preconceitos e tabus é a formação continuada e a extensão

universitária. Ademais, entendo que estas precisam fazer parte de fato do cotidiano de todas as escolas de Educação Infantil para que o assunto seja efetivamente tratado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8.06, de 13 de julho de 1990.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética/ orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Volumes 08, 10.2. Brasília. MEC/SEF, 1997.

_____. **Plano Nacional de Extensão Universitária; Política Nacional de Extensão Universitária**. Ministério da Educação. Brasília. 2000.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

FARIA, Livia Monique de Castro. PAULINO, Alessandro Garcia. Entre Marias e Preciosas: Textos Culturais, Gênero e Violência Sexual, 2012. In: RIBEIRO, Cláudia Maria. (org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras, UFLA, 2012, p.355-370.

_____, Livia Monique de Castro. **Violências sexuais: o que borbulha em instituições de Educação Infantil do Sul de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Universidade Federal de Lavras, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual. In: **Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**. 2005. Caxambu, MG. Anais. Caxambu: Anped, 2005.

_____, Jimena. **Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p. 269-285, dez. 2007.

LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira. (Org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2º edição. Autêntica. Belo Horizonte. 2010.

MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

OLIVEIRA, José Arimatés de. **A Universidade e a formação para a qualidade de vida**. Da Vici. Textos Acadêmicos. Natal: UFRN/Diário de Natal, 28 de abril de 2001.

_____. Os caminhos trilhados pelo projeto de formação docente: construção de saberes-poderes com crianças e professoras-cursistas. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras: Editora da UFLA, 2012e. p. 474-489.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Luciene Aparecida; MARTINS, Kátia Batista. E se... Maria desejasse saber: formação continuada em gênero, sexualidades e diversidades sexuais. **ABEH**. 7, 2014, Rio Grande do Sul. Anais... Rio Grande do Sul: ABEH, 2014.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Orientação Sexual: conscientização, necessidade e realidade**. Curitiba: Juruá.1999.

RIBEIRO, Cláudia Maria; ALVARENGA, Carolina Faria (ORGs). **Borbulhando Enfrentamento às violências nas infâncias no sul de Minas Gerais**. Lavras – UFLA, 2016.

RIBEIRO, Cláudia Maria.; SOUZA, Ila Maria Silva de. Educação Inclusiva: **tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção**. Lavras – UFLA, 2016.

RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil**. Lavras: Editora UFLA, 2012. p. 529

_____. **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras: Editora da UFLA, 2012. 532 p.